

Economia

DESENVOLVIMENTO

Cartilha lista boas práticas em projetos do setor público

Thiago Copetti

thiago.copetti@jornaldocomercio.com.br

Criado para difundir as boas práticas de gerenciamento de projetos entre empresas e profissionais de diferentes áreas, o Project Management Institute (PMI) no Rio Grande do Sul tem buscado levar suas técnicas também ao setor público. No final do ano passado, o PMI-RS lançou o guia Gerenciamento de Projetos no Setor Público - Fundamentos Básicos, disponível no site www.pmir.org.br/projetospublicos.

Organizada pelo vice-presidente de Relações Institucionais e Marketing do PMI-RS, Marco Antônio Kappel Ribeiro, juntamente com Hiparcio Stoffel, integrante do grupo de trabalho do setor público, a cartilha foi inspirada em modelo já adotado nos Estados Unidos. Por aqui, teve a primeira edição em 2016, durante as eleições municipais.

Desde então, explica Ribeiro, o PMI-RS passou a ter mais interação com a prefeitura de Porto Alegre e com o governo do Estado. Com a prefeitura, foi assinado um convênio por meio da Escola de Gestão, diz Ribeiro.

“A ideia é levar palestras e treinamentos a servidores municipais, conhecer as rotinas e as dificuldades. O primeiro encontro foi em novembro, com cerca de 200 servidores, de diferentes secretarias e órgãos”, diz. Em entrevista ao **Jornal do Comércio**, o vice-presidente do PMI fala sobre o guia, a importância do gerenciamento correto de projetos públicos e outros temas.

Jornal do Comércio - Onde estão os maiores problemas na gestão de projetos públicos?

Marco Antônio Kappel Ribeiro - Estão na falta de existência

Ampliamos o documento. Com boa gestão pública, ganhamos todos nós, cidadãos



de escritórios de projetos, na estrutura de governança, na falta de conhecimentos de metodologias de gerenciamento dos projetos e na carência de gestão de competências. Mas eu diria que o maior problema é na governança. Segundo nossa cartilha, a governança significa gerenciar e tomar decisões baseado em métricas e indicadores, em resultados e no monitoramento correto do andamento dos projetos e até na escolha do que será feito, se realmente é uma prioridade para aquela cidade.

JC - Há algum local onde esses preceitos tenham sido aplicados com mais ênfase e já apresentem resultados?

Ribeiro - Difícil dizer, porque é um processo que se iniciou há pouco e leva tempo. Começa por agregar ao grupo servidores interessados nesse trabalho, por adesão espontânea. E tudo isso tem um tempo de maturação. Em encontro recente do PMI Day Setor Público, na Pucrs, reunimos cerca de 200 servidores do executivo e diferentes órgãos estatais.

JC - O PMI aborda, de alguma forma, o problema da corrupção no setor público?

Ribeiro - Não, em nenhum



ARQUIVO PESSOAL/JC

PMI também difunde técnicas que auxiliam na gestão, afirma Ribeiro

momento. É um tema bastante sensível. Mas não temos um tópico específico sobre isso porque a boa governança prevê, justamente, fazer o certo, com projetos bem estruturados, com indicadores e acompanhamento sistemático. E pode parecer que esse é um problema generalizado, mas não é. Tem muito servidor motivado a fazer as coisas certas, e, por isso, se aproximam do PMI. Mas, como em qualquer lugar, também há maus servidores. A maioria dos servidores é honesta, e precisa de projetos e de motivação. Algo que, muitas vezes, não se tem no setor público. Salário é importante, mas não pode ser considerada a motivação profissional. O PMI também trabalha para motivar as pessoas, que são fundamentais no bom

andamento de um projeto.

JC - Temos, no Brasil, algum estado ou cidade que chame a atenção nesses quesitos, antes ou depois da divulgação da cartilha?

Ribeiro - A cartilha foi replicada pelos 15 capítulos do PMI no Brasil, então não temos um controle total da aplicação. Mas sei que, no Espírito Santo, já há preocupação maior em trazer para dentro do setor público as melhores ferramentas de gestão de projetos. Mas temos que ressaltar que adotar a cartilha não significa que está tudo sendo feito errado. Pelo contrário, temos que dar força a ações e projetos que dão certo, dar um corpo robusto para que se perpetue, para que o que está sendo feito certo não se perca.

INFRAESTRUTURA

Sport Club Internacional adere ao mercado livre de energia e projeta reduzir custos

Jefferson Klein

jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

O amante de futebol vê o estádio do seu time do coração como um lar. Dentro desse princípio, o torcedor colorado vai ficar feliz em saber que seu clube

está cuidando de algo que preocupa qualquer casa: a conta de luz. Para diminuir seus gastos, o Sport Club Internacional decidiu ingressar no mercado livre de energia (formado por grandes consumidores que podem escolher o seu fornecedor de ele-

tricidade) para atender a todo o consumo do Beira-Rio. O vice-presidente de Administração do Inter, Alessandro Barcellos, antecipa que a solução encontrada gerará uma economia na ordem de R\$ 1 milhão por ano.

O dirigente informa que, a partir de março, o clube já estará consumindo energia do mercado livre. Assim, o Beira-Rio deixará de ser um consumidor cativo da CEEE-D, tendo que pagar para a concessionária apenas pela conexão na rede (chamado no jargão do setor elétrico de “pagar o fio”), um valor que é bem mais módico do que a conta original. Barcellos salienta que os contratos com as novas fornecedoras de energia foram firmados para os próximos cinco anos. Em 2019, quem fornecerá a eletricidade para o Internacional será o Grupo Electra e, posteriormente, de 2020 a 2023, será a Cemig.

O gasto do Internacional com a luz sofre oscilações sa-

zonais, mas é estimado entre R\$ 400 mil a R\$ 450 mil por mês (levando em consideração o Beira-Rio e o Parque Gigante - onde se encontra o Centro de Treinamento do clube e que equivale a menos de 10% do valor total).

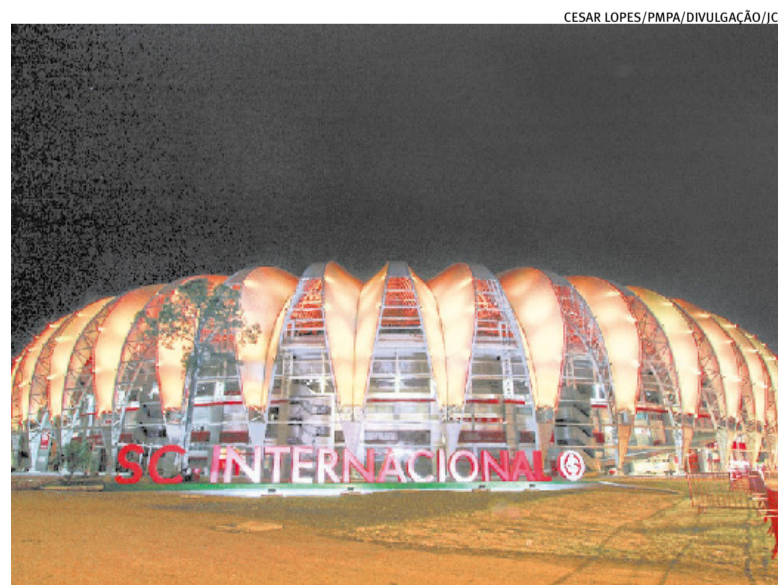
Barcellos revela que, depois de consolidar a migração do estádio, a ideia é tomar a mesma atitude com o Parque Gigante ou aproveitar a geração fotovoltaica para abastecer o complexo.

A Perfil Energia foi a empresa que auxiliou o Inter a fazer a transição para o mercado livre. O gerente de negócios da companhia, Luiz Alberto Krummenauer, detalha que a energia que alimentará o Beira-Rio, dentro desse ambiente, será proveniente de fontes renováveis, como eólica, solar, pequenas centrais hidrelétricas ou biomassa (queima de matéria orgânica). “Por isso, a Perfil tem uma sistemática de certificar os seus clientes com base em protocolos interna-

cionais de emissão de gases que provocam o efeito estufa (como o de Kyoto)”, comenta.

Krummenauer complementa que a certificação é feita por uma empresa independente de auditoria e que todo ano, a partir de 2019, o Inter receberá um certificado informando quantas toneladas de gases que contribuem para o efeito estufa o clube deixou de emitir por adquirir uma energia renovável.

O vice-presidente de Administração do Internacional cita, ainda, entre outras ações adotadas no Beira-Rio relativas à sustentabilidade, a instalação de membranas, durante a reforma do complexo, que servem para captar a água da chuva, reduzindo o consumo de água. Barcellos lembra, também, que a estrutura possui uma central de resíduos e convênio com uma cooperativa de catadores (Catapoa) para reciclar os detritos que são produzidos nos dias de jogos.



CESAR LOPES/PMPA/DIVULGAÇÃO/JC

Medida permitirá economia anual de R\$ 1 milhão na conta de luz